

Cidadão Blanchard⁸

Lucinthyá Gomes

Despedida -Com fala mansa e gestos suaves, Blanchard Girão foi homem de causas sociais e opinião. Nas palavras de quem conviveu com ele, um jornalista respeitado, culto e destemido. Por volta do meio dia de ontem, Blanchard foi acometido por um enfarte e faleceu, mas, certamente, ficará eternizado pelo empenho no jornalismo, pelas obras publicadas e pela memória privilegiada.

“O jornalista que se preocupa mais com os problemas sociais tem a primazia de conhecer mais de perto a sociedade. (...) Parece que o jornalista tem a sorte de ler na alma das pessoas”.

Blanchard Girão, em entrevista ao
O POVO em 1994,
quando completava 50 anos de profissão.

Da cativa máquina de escrever – instrumento que o acompanhou até os últimos textos -, o escritor e jornalista Blanchard Girão reportou as causas sociais, o humanismo, a ética e a memória. Em mais de 60 anos de jornalismo, carreira iniciada aos 14 anos, Blanchard transitou pelas mídias impressa, radiofônica e atuou como assessor de imprensa. Em 1950, foi o primeiro cearense a cobrir uma Copa do Mundo (no Rio de Janeiro). Formou-se em Direito em 58. De 62 a 64, foi deputado estadual, quando teve mandato cassado por quebra de decoro. Figura de fortes posições políticas e de opinião. Por volta de meio-dia deste domingo, um enfarte \e, aos 77 anos, Blanchard Girão falece.

Na noite do último sábado, ele sentiu algumas dores e não dormiu bem. “Culminou com esse inesperado, por volta de meio-dia e uma hora. Não houve tempo de socorrer”, diz o genro, Robson Veras. Blanchard Girão estava no sítio Canaã, em Aquiraz, seu local predileto, onde costumava ir nos fins de semana. Durante a tarde e a noite de

8 O Povo, Fortaleza, 26 mar. 2007. p. 8

ontem, o corpo foi velado na Funerária Ternura, na Aldeota. Hoje, às 10h30min, haverá missa no mesmo local e o sepultamento ocorrerá ao meio-dia no cemitério Parque da Paz.

Mas que um profissional, Blanchard Girão era um marido e pai exemplar. Casado desde 1960, com Cleide Cysne, teve quatro filhos e oito netos. Prova desse amor é o período em que esteve preso, durante a ditadura militar, quando sempre dava um jeito de esconder os bilhetes que escrevia para dona Cleide entre os objetos que voltavam para casa, conta o genro. “Ele era uma pessoa simples, muito humana, querida. Um excelente pai de família, exemplar”, afirma o jornalista Paulo Verlaine, que trabalhou com ele na época em que Blanchard foi editor-chefe do **O POVO**, de 1983 a 1985.

Leitor voraz, o jornalista escreveu vários livros, entre eles, *O Céu é muito alto* (94), *O Liceu e o Bonde na paisagem sentimental de Fortaleza-Província* (97) e *Só as armas calaram o Dragão* (2005), obras que mesclavam jornalismo, referências históricas e a (boa) memória de Blanchard Girão. Ainda neste ano, ele lançaria *Invasão dos cabelos dourados*, livro que deixou pronto, sobre a presença norte-americana no Estado durante a Segunda Guerra Mundial.

No **O POVO**, era articulista (escrevia semanalmente às segundas-feiras para **O POVO**) e antes de ser editor-chefe, décadas atrás, havia sido editor de esportes. A paixão pelo futebol traduzia-se na torcida pelo Fortaleza. “Chegava a ir a casamento com o rádio no bolso”, recorda Robson Veras. O repórter de polícia de **O POVO**, Landry Pedrosa, também lembra de um dos marcos na carreira de Blanchard Girão. “Em 1950, na Copa do Mundo, ele foi enviado (pelo Jornal da Manhã). Era uma glória um jornalista cobrir uma Copa do Mundo. Quando o Brasil perdeu de 2 a 1 para o Uruguai, o País sofreu a maior decepção e o Blanchard relatou tudo isso”.